

Comunicação, Mídias e Educação

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

/Promotion
/Research
/Business
/Development
/Engineering
/Manufacturing
/Planning

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

(Organizadora)

Comunicação, Mídias e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-344-6 DOI 10.22533/at.ed.446192205 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa obra reúne um conjunto de pesquisas sobre as novas tecnologias e técnicas aplicadas à comunicação. O compilado de artigos traz contribuições relevantes para a comunidade científica e profissionais da área.

O e-book, composto por 36 artigos, apresenta diálogos contemporâneos e reflexões sobre o papel da comunicação nos mais diversos âmbitos. Estudos analisam o uso das novas mídias na educação e avaliam a convergência dos meios na partilha de informações e aprendizagem em conjunto. Pesquisas também retratam o consumo midiático, culturas comunicacionais e as manifestações no espaço urbano.

Há artigos sobre o ambiente *comunicacional* digital e o impacto das novas tecnologias na sociedade. Autores também discutem as discrepâncias entre as visões de mundo dos jornalistas e dos usuários de redes sociais e o papel dos meios de comunicação na representação da realidade. O volume traz pesquisadores de peso que compartilham conhecimento e estimulam novos estudos na área da comunicação.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS PRIMEIROS PASSOS DO MUSEU DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (MUGEO): HISTÓRICO E ACERVO	
Lena Simone Barata Souza Ezequias Nogueira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4461922051	
CAPÍTULO 2	16
CARTOGRAFÍA DIGITAL INTERACTIVA DE LO PATRIMONIALE: DEL RELATO AL “DATO” Y VICEVERSA	
Liliana Fracasso David Aperador Francisco Cabanzo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922052	
CAPÍTULO 3	33
A UTILIZAÇÃO DE MAQUETES E IMAGENS TÁTEIS COMO IMPULSIONADORAS DO APRENDIZADO PARA CEGOS E PESSOAS COM BAIXA VISÃO NAS GEOCIÊNCIAS	
Loruama Geovanna Guedes Vardiero Rodson Abreu Marques Tamires Costa Velasco Matheus Gomes Fanelli Jeruza Lacerda Benincá Barbosa Sandro Lúcio Mauri Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4461922053	
CAPÍTULO 4	45
REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA TV: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SOBRE RODAS” COM O PARATLETA FERNANDO FERNANDES	
Antonio Janiel Ienerich da Silva Henrique Alexander Grazi Keske	
DOI 10.22533/at.ed.4461922054	
CAPÍTULO 5	62
ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA NARRATIVIZADA: AS REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE FALA PARA SUJEITOS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO	
Igor Lucas Ries	
DOI 10.22533/at.ed.4461922055	
CAPÍTULO 6	74
DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO ACADÊMICO: SOBRE UM POSSÍVEL GESTO POLISSÊMICO DE LEITURA	
Bianca Queda Costa Solange Maria Leda Gallo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922056	

CAPÍTULO 7	78
PARSER E LEITURA AUTOMATIZADA DE CURRÍCULOS DA PLATAFORMA LATTES PARA EXTRAÇÃO DE INDICADORES ACADÊMICOS E TECNOLÓGICOS	
Fernando Sarturi Prass Franklin Matheus Boijink Alexandre de Oliveira Zamberlan	
DOI 10.22533/at.ed.4461922057	
CAPÍTULO 8	96
ANOTAÇÕES SEMÂNTICAS EM REPOSITÓRIOS ACADÊMICOS:UM ESTUDO DE CASO COM O RI UFBA	
Aline Meira Rocha Lais do Nascimento Salvador Marlo Vieira dos Santos e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4461922058	
CAPÍTULO 9	113
CONTEÚDO AUDIOVISUAL DO CURSO DE PEDAGOGIA SEMIPRESENCIAL DA UNESP/UNIVESP	
Dayra Émile Guedes Martínez José Luís Bizelli	
DOI 10.22533/at.ed.4461922059	
CAPÍTULO 10	120
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: APRENDIZAGEM EM REDE	
Daiane de Lourdes Alves Ângela Cutolo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220510	
CAPÍTULO 11	132
DESAFIOS DA TUTORIA EM EAD E ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO	
Tamara de Lima Lorayne de Freitas Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44619220511	
CAPÍTULO 12	143
CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO – VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS COM A METODOLOGIA ATIVA	
Reyla Rodrigues Ribeiro Levy Silva Ribeiro Bruno Bernardes de Menezes Raquel Aparecida Souza	
DOI 10.22533/at.ed.44619220512	

CAPÍTULO 13	154
MATHQUIZ: UM JOGO EDUCATIVO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS	
José Marcelo Silva Santiago Monck Charles Nunes De Albuquerque Francisco Ranulfo Freitas Martins Junior Fernanda Kécia De Almeida Yuri Soares De Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220513	
CAPÍTULO 14	165
A MÍDIA COMO VERTENTE INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA	
Sebastião Jacinto dos Santos João Clemente de Souza Neto Marcos Júlio Sergi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220514	
CAPÍTULO 15	180
EDUCAÇÃO VISUAL: DESENVOLVIMENTO GRÁFICO DE FASCÍCULOS COM CONTEÚDO DIDÁTICO	
Caroline de Cerqueira Medeiros Fabiola Arantes de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220515	
CAPÍTULO 16	194
CULTURA VISUAL E IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAP-UERJ	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.44619220516	
CAPÍTULO 17	205
JUVENTUDES INTERIORANAS: ESTUDANTES DE PUBLICIDADE E SUAS MANEIRAS DE COMUNICAR	
Renata Valeria Calixto de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220517	
CAPÍTULO 18	215
FARTURA TRAZ ALEGRIA! O FUNK OSTENTAÇÃO E AS SUBJETIVIDADES JOVENS	
Juliana Ribeiro de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.44619220518	
CAPÍTULO 19	227
REPRESENTATIVIDADE E GÊNERO NAS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS: DILEMAS E APROXIMAÇÕES	
Ariana Grzegozeski Schneider Márcio Giusti Trevisol	
DOI 10.22533/at.ed.44619220519	
CAPÍTULO 20	238
A AUTOACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE UM CASO REAL	
Bruno Filipe Griebeler	
DOI 10.22533/at.ed.44619220520	

CAPÍTULO 21	254
A PERFORMANCE ENQUANTO FLUXO DE COMUNICAÇÃO NA MODA	
Antonio Cimadevila Ione Maria Bentz	
DOI 10.22533/at.ed.44619220521	
CAPÍTULO 22	266
A MIDDLEWARE PERSPECTIVE FOR INTEGRATING GINGA-NCL APPLICATIONS WITH THE INTERNET OF THINGS	
Danne Makleyston Gomes Pereira Francisco José da Silva e Silva Carlos de Salles Soares Neto Álan Lívio Vasconcelos Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220522	
CAPÍTULO 23	280
UMA ABORDAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DO RECONHECIMENTO OFF-LINE DE VOZ CONTÍNUO	
Lucas Debatin Aluizio Haendchen Filho Rudimar Luís Scaranto Dazzi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220523	
CAPÍTULO 24	297
INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DA OBRA DE ARTE DIGITAL: LINGUAGEM UBÍQUA, MODELO DE DOMÍNIO E PROGRAMAÇÃO VOLTADA PARA AS ARTES VISUAIS	
Teófilo Augusto da Silva Claudio de Castro Coutinho Filho Carlos Tiago Machel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44619220524	
CAPÍTULO 25	306
A INFLUÊNCIA DA TRIDIMENSIONALIDADE NA NARRATIVA ANIMADA: <i>FROZEN</i> E O USO DA ESTEREOSCOPIA	
Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto Leonardo Antonio de Andrade Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Felipe Contartesi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220525	
CAPÍTULO 26	317
UMA NARRATIVA PROCEDURAL DENTRO DO UNIVERSO FICCIONAL DA DC COMICS	
Leonardo Antonio de Andrade Felipe Contartesi Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220526	

CAPÍTULO 27	332
FINAL FANTASY XV: A NOVA APOSTA MULTIPLATAFORMA DA FRANQUIA	
Maria Tereza Batista Borges Mirna Tonus	
DOI 10.22533/at.ed.44619220527	
CAPÍTULO 28	339
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM JOGOS VIRTUAIS: UM ESTUDO SOBRE CORPO E ESTRATÉGIA NO JOGO <i>LEAGUE OF LEGENDS</i>	
Cíntia Oliveira Demaria Márcia Stengel Valéria Freire de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220528	
CAPÍTULO 29	352
GAMEPÓLITAN: UMA ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO, UTILIZANDO-SE DO E-SPORT COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO	
Luana Britto Silva Vieira Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220529	
CAPÍTULO 30	368
MÍDIAS DIGITAIS E O SITE DO COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL	
Carlos Augusto Tavares Junior	
DOI 10.22533/at.ed.44619220530	
CAPÍTULO 31	410
HOMOGENEIDADE E ENDOGENIA NOS INTERESSES DE JORNALISTAS DESCONECTAM VALOR NOTÍCIA E POPULAÇÃO	
Ana Maria Brambilla	
DOI 10.22533/at.ed.44619220531	
CAPÍTULO 32	425
O ENQUADRAMENTO DO <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF (PT) NAS REVISTAS <i>VEJA</i> E <i>CARTA CAPITAL</i>	
Carla Montuori Fernandes Eduardo Matidios Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220532	
CAPÍTULO 33	437
PARTICIPAÇÃO E MÍDIA: UM DEBATE SOBRE A HEGEMONIA DISCURSIVA DO CAPITALISMO	
Michele Luciane Blind de Moraes Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220533	
CAPÍTULO 34	449
REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O DOCUMENTÁRIO <i>O ACRE EXISTE</i>	
Daya de Kassia Pinheiro Campos Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220534	

CAPÍTULO 35 459

PARÂMETROS DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO RADIOFÔNICO SOBRE SAÚDE PARA CRIANÇAS DE SEIS A DEZ ANOS

Diana Diniz de Jesus

Daniela Pereira Bochembuzo

DOI 10.22533/at.ed.44619220535

CAPÍTULO 36 473

SOCIEDADE CIVIL ATIVA NA MEDIAÇÃO DAS RELAÇÕES DO MERCADO PUBLICITÁRIO COM O PÚBLICO INFANTIL

Marcos José Zablonsky

Natally Navarro Encinas Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.44619220536

SOBRE A ORGANIZADORA..... 490

CARTOGRAFÍA DIGITAL INTERACTIVA DE LO PATRIMONIALE: DEL RELATO AL “DATO” Y VICEVERSA

Liliana Fracasso

Universidad Antonio Nariño, Facultad de Artes
Bogotá, Colombia

David Aperador

Universidad Antonio Nariño, Facultad de
Ingeniería
Bogotá, Colombia

Francisco Cabanzo

Universidad El Bosque, Facultad de Creación y
Comunicación
Bogotá, Colombia

RESUMEN: Las prácticas artísticas representan una forma de investigación que admite un tipo de análisis cualitativo basado en historias de vida, imágenes, sonidos y experiencias sensoriales, tanto de investigadores como de participantes. Con ello surgen varias cuestiones asociadas con la gestión de los datos, que pueden ser territoriales, subjetivos o también relativos a las interacciones. La pesquisa que lleva a cabo la Red de lo patrimoniable de Colombia estudia los lugares a partir de las prácticas artísticas y de las realidades geográficas en hábitat popular. En este artículo se presenta un ejercicio de co-creación realizando en Internet a partir del cual se generó un rastreo desde abajo hacia arriba del patrimonio cultural, en contextos geográficos diversos. Los participantes georreferenciaron la información incluyendo registros de las

percepciones, valoraciones estéticas y subjetivas de los lugares. En el artículo se argumenta que es posible utilizar un sistema de información geográfico (SIG) *on-line* para cruzar datos estructurados (territoriales), con datos no estructurados (relatos, percepciones, imaginarios etc.). Se sostiene que el hipertexto y el transmedia asociados al SIG ofrecen la posibilidad de pasar del relato al dato y viceversa y generar un potente medio para comunicar a “ras de suelo” la dimensión material y sobretodo la inmaterial y la escondida del patrimonio cultural vivo. Se apunta a la autenticidad y la veracidad de los procesos de transformación cultural y territorial, asimismo, a la búsqueda de *insight*. El mapeo de lo patrimoniable, gracias a Internet es susceptible de aumentar el número de participante, conformar un *big data*. **PALABRAS-CLAVE:** Hábitat popular, SIG, investigación basada en las artes, patrimonio cultural, educación patrimonial.

RESUMO: As práticas artísticas representam uma forma de pesquisa que suporta um tipo de análise qualitativa baseada em histórias de vida, imagens, sons e experiências sensoriais, tanto dos pesquisadores como dos participantes. Isso levanta várias questões associadas a gestão dos dados, que podem ser territoriais, subjetivos ou também relacionados com as interações. A pesquisa realizada pela Rede do Patrimônio

da Colômbia estuda lugares e realidades geográficas no habitat popular, baseados em práticas artísticas. Este artigo apresenta um exercício de co-criação realizado na Internet, a partir do qual foi gerado de ‘baixo para cima’ um acompanhamento do patrimônio cultural, em diversos contextos geográficos internacionais. Os participantes georreferenciaram as informações incluindo registros das percepções, valorações estéticas e subjetivas dos lugares. O artigo argumenta que é possível utilizar um sistema de informação geográfica (SIG) *on-line* para cruzar dados estruturados (territoriais e não estruturados (histórias, percepções, imaginários, etc.). Argumenta-se também que o hipertexto, e o transmídia, associados ao SIG oferecem a possibilidade de passar da história para os dados e vice-versa, gerando meios poderosos para comunicar “ao pe di chão” a dimensão material, mais sobretudo a herança cultural imaterial oculta e viva. Si punta a conseguir restaurar a autenticidade e a veracidade dos processos de transformação cultural e territorial; assim como a visualizar, analizar e capturar outros registros na procura do *insight*. Graças à Internet, por meio do mapeamento do patrimoniável, e factível um aumento do número de participantes, formando um *big data*, o que representa um verdadeiro desafio para a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Habitat popular, patrimoniável, Sistema de informação geográfica, investigação baseada nas artes, património cultural, educação patrimonial

1 | INTRODUCCIÓN¹

Las prácticas artísticas representan una forma de investigación que admite un tipo de análisis cualitativo basado en las historias de vida, las imágenes, los sonidos y las experiencias sensoriales, tanto de los investigadores como de los participantes (LEAVY, 2009). En una dinámica de arte colaborativo, la comunidad involucrada en la realización de las obras, genera acciones y significados compartidos (DE BRUYNE e GIELEN, 2011) (MUFF, 2014), que se sitúan en contextos geográficos reales y aportan información acerca de los territorios donde tiene lugar dicha forma de arte. Los procesos artísticos colaborativos generan en la investigación una conmixión de datos cuantitativos, cualitativos y procedentes de prácticas artísticas (LEAVY, 2009). Sugieren tópicos y preguntas, proponen contenidos, evocaciones, cartografías artísticas, representaciones y significados políticos, concienciadores y emancipadores, relacionados con los territorios (STEPHENSON e TATE, 2015) (MOUFFE, 2007).

Las prácticas artísticas colaborativas nos ayudan a descubrir valores estéticos, simbólicos o históricos propios del mundo ordinario, significativos para la comunidad (FRACASSO e CABANZO, 2016); (FRACASSO e ORTIZ, 2017), (FRACASSO e ORTIZ, 2018), (CABANZO, FRACASSO e MANCADA, 2018), (AMARAL, 2016) (AMARAL, 2015) (AMARAL, 2009). No obstante, en un ejercicio de definición, reconocimiento y

¹ Este capítulo fue argumento de la ponencia presentada en Goiás en el V SIIMI - Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativa organizado por UFG/Media Lab 9-11 mayo 2018 y publicado en las memorias del evento.

mapeo de los valores patrimoniales, pueden surgir varias inquietudes asociadas al significado y al valor del patrimonio cultural para la gente común, al reconocimiento de la dimensión objetiva de la realidad geográfica de las comunidades portadoras, a la dimensión perceptiva, subjetiva y axiológica del bien patrimonial y finalmente a la dimensión “relacional”, es decir determinada por la conectividad, que deja privada de sentido la cartografía funcional o geográfica (KHANNA, 2016).

El artículo se estructura en cinco apartados, el primero se refiere al contexto, es decir al marco de referencia de una investigación plurianual, que por una parte, estudia lo patrimoniable – es decir el patrimonio integral local en hábitat popular reconocido por sus habitantes- y por otra, la Red de lo patrimoniable y su articulación con otras redes temáticas. En el segundo apartado, se presenta un ejercicio práctico de co-creación de cartografía social digital de lo patrimoniable, un ejemplo de aproximación metodológica a la investigación del patrimonio cultural, que se adentra en la tematica del ambiente tecnológico y las herramientas en red. En el tercer apartado se presentan los resultados del ejercicio de mapeo y su articulación práctica con la investigación. Se concluye destacando las ventajas y desventajas de las herramientas utilizadas.

2 | EL HABITAT POPULAR Y LO PATRIMONIALE EN RED

Experimentar, explorar territorios virtuales y reales, reconocer sistemas ecológicos y sistemas culturales emergentes son puntos importantes de la pesquisa que está llevando a cabo la Red de lo patrimoniable de Colombia. Dicha red-de-hecho, articula unos líderes de los lugares observatorio involucrados en el estudio, las entidades o asociaciones que han venido apoyando la investigación, financiada con recursos internos de la Universidad Antonio Nariño. Tanto en la primera etapa (agosto 2015- julio 2017) como en la segunda, actualmente en curso, han participado la Universidad El Bosque (CO), la Universidad Federal de Goiás -Media/Lab (BR), el Museu Aberto (BR); La Casa Voladora (ES), la Accademia Albertina di Belle Arti di Torino (IT), el Museo de Arte Contemporáneo de Bogotá (CO), GIPRI (CO), los colegios San Martín de Porres y El Hato, colectivos y asociaciones que se han venido sumando en el proceso de investigación-creación colaborativo (Smoking Family, Nazari Sound, Latin Fury, Abya Yala, Cohitepa, entre otros). El campo de estudio de la Red de lo patrimoniable es el hábitat popular y el hábitat ancestral contemporáneo, el patrimonio cultural y las prácticas artísticas como metodología de investigación (FRACASSO, 2016) (CABANZO e MONCADA, 2014).

En los lugares observatorio, los datos que describen los valores de contexto son, por una parte, de tipo territorial y ambiental - por ello restituyen una idea de identidad territorial (MAGNAGHI, 1998) - por otra, son de tipo cultural y estético restituyendo una idea de identidad narrativa (TURCO, 2010). En cualquier caso, los ciclos de territorialización representan un factor relevante de conformación, y reconocimiento de las identidades y de los valores patrimoniales, tanto en sus manifestaciones

tangibles como intangibles. Ambos tipos de identidades (territorial y narrativa) aportan a la caracterización y al reconocimiento del paisaje cultural que, en los lugares observatorios del proyecto, está sometido a rápidos procesos de transformación que atentan en contra de la autenticidad y variedad de los lugares.

Actualmente el estudio y la Red de lo patrimoniable buscan consolidar la articulación con otras redes, laboratorios y observatorios temáticos (en una lógica de *spin-off*), que se interesan por la aplicación y el desarrollo de nuevas tecnologías (Media-Lab UFG, Anilla Cultural Latinoamérica y Europa), la educación patrimonial (OEPE y RIEP)² y la gestión de los recursos naturales.

En el territorio de internet propuesto por la Anilla Cultural Latinoamerica Europa³, para el proyecto Museografía en Red (MuRe)⁴, en la sección n. 6 expresamente dedicada a la “Co-creación en Red”, la Red de lo patrimoniable propuso la temática patrimonio y patrimoniable y un ejercicio de cartografía social interactiva.

Tanto la temática como el ejercicio propuesto, se enmarcan en la investigación “*Hábitat popular y creación artística: elaboración de un dispositivo para el análisis de lo patrimoniable en área de borde urbano*” (cod. 2017204), proyecto liderado por la Facultad de Artes de la Universidad Antonio Nariño, con la participación de las Facultades de Ingeniería Ambiental y Psicología de la UAN, en el que participan también la Universidad El Bosque, la Universidad Nacional de Colombia y la Universidad Federal de Goias con el Media Lab. Objetivo de la investigación es generar un prototipo de sistema de análisis complejo, apto para la elaboración de narrativas hipertextuales de un paisaje en transformación en un sector específico de la ciudad de Bogotá, denominado Pardo Rubio y que se encuentra en área de borde urbano, en los Cerros Orientales.

El concepto “patrimoniable”, central en la investigación, se vino definiendo de forma abierta y participativa - dependiendo de los contextos territoriales - ya en una etapa anterior del proyecto. Lo patrimoniable representa una categoría específica, que se aleja de una visión canónica, eurocéntrica y hegemónica de patrimonio cultural (MARTÍN BARBERO, 1998a) (MARTIN-BARBERO, 1998b) (MARTIN-BARBERO, 2002) (MARTIN-BARBERO, 2006) (MARTÍN BARBERO, 2008) (MARTÍN BARBERO, 2010) ya que eleva a valor patrimonial lo que sus habitantes, desde la subjetividad, las practicas sociales y artísticas, asimismo la peculiaridad de los hábitats, reconocen como tal.

Lo patrimoniable supone una dimensión utópica, muy cercana a la utopía concreta, que hace referencia al principio esperanza del filósofo Ernst Bloch, y que comparte

2 La OEPE (Observatorio de Educación patrimonial de España) y de la RIEP (Red internacional de Educación patrimonial, coordinación de Brasil) aportaron desde, respectivamente, las teorías de educación patrimonial (FONTAL MERILLAS, 2016) (FONTAL, GARCÍA-CEBALLOS, *et al.*, 2018) y el museo abierto, la cartografía y los territorios poéticos (Amaral, 2009; 2015).

3 Anilla Cultural Latinoamérica Europa es una red que nace por iniciativa de la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID) y el Centre de Cultura Contemporànea de Barcelona (CCCB)

4 Museografía en Red (MuRe) es un proyecto destacado de Anilla Cultural nodo Uruguay del año 2017, dirigido por Delma Rodriguez, que recibió la financiación de Fondo Concursable para la Cultura del Ministerio de Educación y Cultura de Uruguay

la misma función social en la construcción de mundos posibles. Lo patrimoniable es el patrimonio cultural (material, inmaterial, natural), que está presente en el mundo ordinario y que todavía no ha sido reconocido, visibilizado, apropiado o valorado (FRACASSO, 2016). La teorización de lo patrimoniable en la investigación se construye en red, con base en la aproximación de la investigación-basada-en-las-artes, a partir de las preguntas iniciales ¿Qué es patrimonio para ti? ¿Pueden las prácticas artísticas construir lugares? ¿El hábitat popular es patrimonio cultural? Éstas y otras cuestiones, aproximadas desde diversos campos de competencias y disciplinares, aportan a la construcción del marco teórico y multi-metodológico de la investigación.

Con respecto a lo que significa hábitat popular, hay varias ideas (MIRANDA GASSULL, 2017). Entre las definiciones destacamos la de Hernández García:

“Los sectores del hábitat popular son aquellos sectores de la ciudad con características económicas y sociales particulares que se van desarrollando y consolidando con el tiempo, donde conviven, muchas veces mezclados varios orígenes y formas de producir y expresar ciudad. Pero, cuyo común denominador son los pobladores, pobladores que a medida de sus posibilidades y de los espacios económicos, sociales y de participación, van creando, transformando, mejorando y dándole forma y expresión a su hábitat” (HERNÁNDEZ GARCÍA, 2007, p. 15).

En una visión tradicional y consolidada acerca del reconocimiento del valor patrimonial sobresale, en primera instancia, la cuestión de cómo se interpreta el patrimonio natural y cultural y, en segunda instancia, de cómo se conserva. En Colombia la Ley 397 de 1997 - Ley General de Cultura - define en su art. 4 qué se entiende por patrimonio cultural. Con la Ley 1185 se actualiza la definición de patrimonio cultural de la nación y se define un régimen especial de salvaguardia, protección sostenibilidad, divulgación y estímulo para los BIC -Bienes de Interés cultural- y para las manifestaciones de la Lista Representativa de Patrimonio Cultural Inmaterial de la Nación (LRPCI). El patrimonio cultural en Colombia queda así definido y normado diferenciando, por una parte, el patrimonio material que se divide en bienes muebles y bienes inmuebles (Decreto 763 de 2009) y por otra el patrimonio inmaterial (Decreto 2941 de 2009). El patrimonio natural no posee una normativa específica y queda en un ámbito indefinido, inoperante desde el punto de vista de la protección o salvaguardia.

El hábitat popular, en cambio, no se piensa como patrimonio cultural, por el contrario se concibe como un conjunto de hechos espaciales de calidades informales y expresiones estéticas típicas de un urbanismo irregular, con valores únicamente negativos (ARANGO ESCOBAR, 2014). Investigar lo patrimoniable en hábitat popular significa, en primer lugar, cuestionar el desconocimiento de su valor patrimonial y, en segundo lugar, complementar la visión institucional y normativa referida a la salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial y la protección de los bienes de interés cultural, con esta otra visión, de patrimonio integral local, construida desde abajo hacia arriba y que se centra en la apropiación social y en formas de reconocimiento basadas

en las prácticas.

Es por ello que la investigación de la Red de lo patrimoniable explora de forma participativa el valor de contexto del hábitat popular, sirviéndose de prácticas artísticas colaborativas, concebidas como “unidad de análisis” y como procesos de investigación-creación.

Otras aproximaciones complementan el estudio de lo patrimoniable, en especial aquellas interesadas por la inclusión de saberes comunes a lado de un saber experto, asimismo por los conocimientos tradicionales y ancestrales de las comunidades locales, las percepciones sobre el territorio, las prácticas de IAP (investigación, acción, participación). Todas las aproximaciones mencionadas anteriormente conforman en la literatura las bases esenciales para el desarrollo de proyectos participativos, la creación de observatorios ciudadanos y *participatory GIS* concebidos para fortalecer la gobernanza. Se trata de prácticas y herramientas que van a complementar los conocimientos técnico-científicos sobre los procesos territoriales y ayudan a la comprensión de los cambios en los valores de los indicadores medioambientales, sociales y estéticos, asimismo de amenaza o riesgo socio-ambiental.

3 | MAPEAR LO PATRIMONIALE: AMBIENTE Y HERRAMIENTAS

El espacio virtual de MuRe permitió la confluencia y circulación en red de las perspectivas y de las experiencias estéticas de los participantes de Colombia, España, Venezuela y Uruguay. En el ejercicio lo patrimoniable se reconoce desde la subjetividad, se mapea individualmente, sin una mediación con el grupo, restituyendo en segunda instancia una “cartografía social” digital co-elaborativa, con el uso de aplicaciones de libre circulación en internet.

A los participantes se indicó, mediante una consigna y un tutorial, como colocar en el mapa lo propio, tanto lo valorado, lo lindo, lo bello, como lo que se identifica en riesgo o a punto de desaparecer, sin ser conocido o reconocido. La diversidad de las experiencias, costumbres y de la información mapeada pueden ser consideradas de por sí un proceso patrimoniable. El mapeo incluyó tanto lo que existe, como lo que existió y que ahora solamente pertenece al recuerdo, un valor tangible o intangible de los cuales quedan rastros. Hay casos donde el mapeo reveló la existencia de patrimonios históricos arquitectónicos inesperados, de carácter privado, cuya relevancia se descubre en fases sucesivas al mapeo, gracias a coloquios o entrevistas de profundización.

Para el desarrollo del mapeo se propuso una pregunta orientadora basada en los argumentos de la investigación general acerca de lo patrimoniable, que se ha mencionado en el apartado anterior. La pregunta formulada fue publicada en la página web de la Red de lo patrimoniable⁵, en los canales de comunicación de MuRe⁶ y

5 www.reddelopatrimoniable.com

6 Anilla Cultural Latinoamerica Europa Proyecto Museografía en Red MuRe Página Oficial http://anillaculturaluruguay.net/mure_info/ ; MuRe Trasmisión de la sección n. 6 en <https://www.youtube.com/>

presentada en salones de clase o virtuales: “si definimos *patrimoniabile* el patrimonio cultural tanto material como inmaterial o natural que todavía no ha sido reconocido, visibilizado, apropiado y/o valorado ¿que identificas en tu territorio como patrimoniable? ¿Por qué?”

La consigna se resume en unos pocos puntos que dan indicaciones precisas acerca de cómo tener acceso al programa de georeferenciación a utilizar, Google Earth. También se explica cómo situarse virtualmente en el lugar de interés y cómo señalar en la imagen satelital un punto patrimoniable, asociando recursos digitales que mejor lo expresan o describen: fotos, vídeos, sonidos, palabras, dibujos. La consigna explica además cómo archivar la información (en el formato .kmz o .kml) y donde enviarla, se complementa con un tutorial que es una demostración del uso de Google Earth.

Cada participante pudo individualmente mapear la información. Los archivos recibidos de forma centralizada, fueron ensamblados en un único mapa, y publicados de forma diferida en Google Maps, para ser consultados en línea. Más complejo hubiera sido el mapeo en vivo o en tiempo real, si se hubiera dejado abierta la posibilidad de acceder directamente al mapa, también hubiera sido posible sustraer, accidentalmente o voluntariamente, la información de otros. En esta fase, la recepción centralizada de la información, permitió generar un filtro y el control de la pertinencia de la misma.

El rastreo de lugares patrimoniales se llevó a un ámbito global y se situó en el espacio virtual, a partir de contextos geográficos concretos (lugares de residencia, frecuentación, veraneo o de tránsito). La documentación y los registros de las percepciones y de las valoraciones subjetivas conciernen a entornos geográficos reales, considerados patrimoniales por su valor físico e histórico, ambiental, experiencial, relacional, simbólico, afectivo o, en algunos casos, que corresponde a una estética del abandono.

4 | MIRADAS ESTÉTICAS Y ANÁLITICAS

Los mejores resultados del mapeo de lo patrimoniable se lograron cuando los participantes recibieron previamente una inducción al ejercicio de cartografía social digital y presentaban una sensibilidad estética. Estimulados por los profesores que acompañaron los estudiantes, algunos mapeos realizados fueron influenciados por el campo disciplinar en el cual fue generada la invitación a participar, por ejemplo arquitectura o artes plásticas⁷.

A título de ejemplo se presenta a continuación la aproximación de un grupo de estudiantes de artes plásticas que realizó su mapeo en Bogotá o zonas aledañas o

[watch?v=iOPRtelomIA](#)

⁷ Algunos grupos de participantes, por lo general estudiantes del campo AAD (Arte, Arquitectura, Diseño), fueron coordinados por los profesores René Vidal (UAN), Sandra Mesa (UAN- Sede Bucaramanga), Francisco Cabanzo (UEB), Glenda Torrado (UEB), Delma Rodríguez (Anilla Cultural Uruguay-Directora MuRe), María Amparo Alonso Sanz (UV), Liliana Fracasso (UAN), David Aperador (UAN) para un total de 76 participantes, aunque todavía se están recibiendo aportaciones.

que, a pesar de vivir en la ciudad, mapearon el recuerdo del lugar de procedencia, como es el caso de una estudiante venezolana⁸.

Cuerpo y ciudad en el mapeo de lo patrimoniable

El mapeo se realizó con base en el deseo de liberar sensaciones y experimentar con el lugar por medio del cuerpo, sirviéndose de la narración como un medio, un vehículo que transporta sentidos, entre viajeros que llevan historias y experiencias de un lugar para otro (BENJAMIN, 2009). El experimento sirvió, para hacer conciencia de la fuerza de la palabra del narrador. Las palabras fueron utilizadas como si nos encontráramos en una sociedad tradicional de iletrados (ILLICH, 1985), y como si la construcción de la narrativa de un evento (real o ficcionado) fuera un diálogo de intersubjetividades.

“Hay un evento: eso significa algo. Cualquiera que esté allí comprenderá que eso es lo que significa. Tomamos fotos de él. Escribimos un relato de él. Lo transmitimos tan auténticamente como sea posible a través de los medios, y la audiencia lo verá y comprenderá lo sucedido (...) Pero las personas tiene interés en diferentes versiones del evento, y un evento puede ser construido en un número de maneras diferentes, y puede llegar a significar cosas diferentes” (O’HARA e HALL, 1984, p. 4).

Generación de contenidos desde la vida cotidiana

Los participantes se acercaron al contexto (urbano, rural, rústico), partiendo de un ejercicio de introspección realizado por medio de escritura creativa. Se invitaron los participantes a redactar individualmente y luego “contar” en grupo dos relatos breves, el primero de un “objeto encontrado” y el segundo de un “objeto guardado”. De esta forma, se potenciaron las competencias creativas y de tipo crítico-reflexivo con el fin de generar una experiencia más concreta dirigida a ‘cristalizar’ la imaginación y la memoria. Las imágenes en ellas contenidas serán transformadas en sensaciones táctiles, sonoras, visuales, performativas, gráficas, para que otros también puedan experimentar. Parafraseando Borriaud, se trató de *situar-se*, de ponerse en contexto, un contexto de imaginarios y de ideas acerca del arte, un contexto de conceptos y artistas donde el estudiante ha de construir un paisaje compuesto de ideas-creaciones-protagonistas, concebidas o comprendidas como situaciones (BOURRIAUD, 2009). Se sugirió también un estilo narrativo, entre la realidad y la ficción, por ejemplo de docuficción, narración novelada o docudrama, empleando articulaciones entre aparentes opuestos. Se exploraron lenguajes que contraponen subjetividad y objetividad, realidad/representación, verdad/punto de vista, mimesis/discurso (WEINRICHTER, 2005).

⁸ El ejemplo se refiere al mapeo realizado por los estudiantes de artes plásticas en el marco del Seminario de Contexto 4 - cuerpo y ciudad, 2017-2, Prof. Francisco Cabanzo. Programa de Artes Plásticas, Facultad de Creación y Comunicación, Universidad El Bosque, Bogotá, Colombia.


Identidades a la deriva

El mapeo de las derivas fue otra modalidad para entrar en relación con unos lugares de la ciudad de Bogotá. Los participantes volvieron físicamente a los contextos o recrearon la relación con estos lugares por medio de analogías de las sensaciones. El ‘documento’ se convierte en una construcción, un punto de vista y un ensamble narrativo que posee fuerza expresiva, interpretativa y reflexiva. El trabajo individual de sitúa en un contexto real y resulta como un juego de espejos, que cuestiona la identidad de cada uno. Al transferir esta experiencia en un espacio virtual, en la red, para la libre circulación y difusión, se genera una trascendencia peculiar de la dimensión personal y subjetiva y se entra en contacto con un mundo global. Las contradicciones del mundo global se manifiestan en el reconocimiento de las periferias, las minorías, las identidades en tránsito y en general en las reproducción cultural (APPADURAI, 2001).

“En un mundo que se va uniformizando cada vez más, sólo podremos defender la diversidad elevandola al nivel de un valor, más allá de su atracción exótica inmediata y de los reflejos condicionados de conservación, o sea transformándola en *categoría de pensamiento*.” (BOURRIAUD, 2009, p. 20).

Los puntos mencionados en los apartados anteriores, se afirman en el caso de los estudiantes de artes plásticas como la clave del mapeo de lo patrimoniable. Revelan la preponderancia de la subjetivación, el legado afectivo y emocional de la experiencia corpórea, significativa en relación con el territorio (SABADELL ARTIGA, 2008). De allí pueden emerger valoraciones, paisajes e imaginarios, fragilidad de géneros históricamente discriminados, víctimas de violencia explícita o simbólica, memorias de modernidad urbana, entre otros aspectos.

La obra de “cristalización” de la experiencia trasciende el mero encuentro de dos materialidades (el cuerpo físico y la ciudad material), haciendo evidentes las tensiones en pugna de fuerzas invisibles, de patrimonios culturales inmateriales, identidades e imaginarios que configuran expresiones y significados diversos de lo patrimoniable.

OBJETIVO	SUBJETIVO
<p data-bbox="323 1664 710 1727">Cinemateca Distrital en el centro de Bogotá, sobre la carrera 7.</p> 	<p data-bbox="738 1664 1457 1915">La experiencia del cine en la infancia <i>“Tenía apenas ocho años cuando por primera vez la llevarían a una sala de cine. Al entrar todo a su alrededor parecía ser más grande; el lugar, las personas. De inmediato escuchó el sonido del maíz explotando y sintió su olor delicioso flotando en el ambiente cálido del lugar. Al entrar su cuerpo parecía desaparecer, detrás de una cortina de terciopelo negro ...”</i> (<i>Cortina de terciopelo</i>. Alejandra Parra)</p>

<p>Zona Industrial Bogotá. Calle 22b Avenida NQS.</p>  	<p>El reciclaje urbano desde la apropiación estética <i>“Son blandos pero bastantes pesados y siempre son ellas las que corren con la suerte de aguantarlos a todos. Esos densos cuerpos de flácida consistencia con ínfulas de comodidad infinita. Las tablitas.”</i> (Las fotos hacen referencia al mapeo de otro punto patrimoniable descrito en Las Diagonales. Juan Camilo García)</p>
<p>Edificios Calle 57b carrera134- Bogotá</p> 	<p>La irrupciones en la superficie de lo cotidiano <i>“Cuando voy con mi música me gusta ver los cambios que hace la gente, cosas que no son cotidianas, que hacen que en cierta caminata uno ya sabe que está (...) uno de los apartamentos de los pisos de arriba tiene un hueco hacia la calle, el edificio debe tener como 4 o 5 pisos, y literalmente rompieron la pared para hacer como una especie de ventana al perro, (..) siempre me preguntaba que qué era eso o pensaba que era un parche o algo así. Después volví a pasar y fue cuando me di cuenta que había un perro ladrando y cuando voltee el perro estaba con la cabeza afuera...”</i> (Persianas. Mariana Montejo)</p>
<p>Centro comercial Plaza Mayor- Puerto la Cruz, Venezuela</p> 	<p>El miedo como frontera y límite espacial y territorial, la migración, la nostalgia y el desarraigo <i>“(...) Extraño ir a la playa y disfrutar su rica arena, el sol y las olas del agua. Extraño a mi familia, extraño a mi mama, a mi hermanito, a mi hermano que aún está por nacer, a mi abuela, mi bisabuela, mis primas, mis tías, mis amigos y amigas, lo sencillo de vivir en una ciudad que más bien era un pueblo intentando ser ciudad. Mas sin embargo lo más difícil es estar consciente de que soy diferente, la extranjera. Realmente apenas estoy tratando de descubrir quién soy. Ni de aquí ni de allá.”</i> (Plaza de patines. Elizabeth Palacios)</p>
<p>Ruta de SITP – Bogotá</p> 	<p>El Caos, desplazamiento, tráfico y miedo inerme <i>“cuando despierto estoy en una estación gris, en un tumulto de gente, todos empujando gritando y yo aún ni entiendo que pasa. Debo ir al otro lado de la ciudad en la cual nací y en la que he vivido 16 años pero me estoy dando cuenta de que no la conozco y tengo miedo porque no soy más que una pequeña pieza del gran lego que es Bogotá (...) En esas 4 horas de viaje con el tiempo comprendí que todo puede pasar, (...) un hombre durante un trancón rompe el vidrio del carro de una mujer para tomar su celular, la mujer grita y llora del susto todos somos solo espectadores...”</i> (Habitar la ciudad en SITP Laura Juliana Matallana)</p>

<p>Carrera 15 calle 14B – Chia . La misma pero de noches</p> 	<p>Otro “miedo” que tenía ante el contacto directo de mi cuerpo con la ciudad capital fue los temas de seguridad, la paranoia que se generaba en las opiniones y comentarios en mi casa fue un choque directo cuando tuve que estudiar mi carrera profesional, ya que no sabía si lo que se decía en mi casa es algo totalmente verídico o una exageración generalizada. Al final fue una exageración.” (Sin título. Paula Corina Nuñez).</p>
<p>Entre La Calera y el Parque Chingaza</p> 	<p>Colegio sonido hueco “Al entrar percibo un sonido hueco, es el mismo que se escucha dentro de la caja de una guitarra, el lugar es deshabitado pero aun así se siente su habitad, se está cayendo pero se sienten sus bases de construcción, y aunque sea silencioso es ruidoso. Aunque estos lugares estén deshabitados, sigue siendo parte de un territorio, ya sea físico o construido por lo que se percibe y se siente, por esta razón son parte de un patrimonio, y siguen ocupando un lugar que mantiene construido, aunque están interrumpidos por la naturaleza que han desestabilizando la estructura poco a poco y son construcciones que se distinguen de la misma. Este lugar está en un paso que está entre la calera y el parque Chingaza, a simple vista es un pueblo que fue deshabitado, ya que aún se mantienen algunas casas, un centro educativo y una fábrica, esto te hace crear una historia diferente” (Colegio sonido hueco. Gissell Garavito Galindo)</p>

Tabla 1. Objetividades y subjetividades en un ejemplo de mapeo de lo patrimoniable

Fuente: <http://www.reddelopatrimoniable.com/index.php/lugares/lugares-observatorios-internacionales>

5 | VENTAJAS DE LA HERRAMIENTA Y DESAFIOS

La ventaja de la herramienta utilizada es que permite geolocalizar la información y ofrecer un contexto objetivo a la subjetividad mapeada, con la posibilidad de navegar a ras de suelo, entre las calles urbanas o allí donde el lugar está cubierto por la aplicación *street view* de Google Earth y Google Map.

El ejercicio realizado plantea, en el marco de la investigación acerca de lo patrimoniable, unos retos significativos hacia posibles desarrollos. Entre ellos el diseño de un aplicación específica, para la construcción de narrativas hipertextuales y transmediáticas suportadas por sistemas de información geográficos alimentados de forma co-elaborativa.

La arquitectura de dicha aplicación podría verse enriquecida, por una parte, con los aportes de la cartografía social digital elaborada en co-creación para MuRe. Por ejemplo, el ejercicio planteó unas preguntas de tipo técnico y de procedimiento que podrían encontrar respuesta en el diseño de la aplicación. A saber: cómo facilitar la recepción y publicación de la información en la red? de cuánto espacio dispone el participantes para escribir su relato? cómo mejorar el uso y la visualización de la base de datos hipertextual? cómo gestionar las capas de información al aumentar el número de participantes? como potenciar la usabilidad (*usability*) del ambiente tanto de registro

como de interrogación de la información ? cómo procesar la información basándose tanto en las palabras y los relatos como en las imágenes (fotografías, videos)? qué patrones podríamos explorar?

Por otra parte, las preguntas nacen de la investigación-creación que se está realizando en el territorio Pardo Rubio, para el mismo proyecto⁹. En este caso el ejercicio de mapeo se realizó a partir de relatos, recuerdos y datos análogos, luego transformados en digitales. También aquí se experimentaron potencialidades y limitaciones de la herramienta utilizada.



Figuras 1-4. Secuencia de fotografías del mapeo analógico de lo patrimoniable relativo al territorio Pardo Rubio

Fuente: Registro fotográfico Taller de cartografía social de lo patrimoniable. De lo analógico al digital 11,18 y 25 noviembre 2017. Proyecto UAN, 2017204

9 Nos referimos al proyecto Hábitat popular y creación artística: elaboración de un dispositivo para el análisis de lo patrimoniable en área de borde urbano” El equipo de investigadores está conformado por : Investigadora Principal, Liliana Fracasso Ph.D; co-investigadores UAN : Maestro René Vidal, Yanine González PhD, David Aperado (candidato PhD), Stephanie Piedrahita, joven investigadora; co-investigador UEB: Francisco Cabanzo PhD y Glenda Torrado, Maestra.



Figura. 5. Resultados. Cartografía social de lo patrimonial: del analógico al digital

Fuente: Proyecto UAN 2017204

Por lo general, la implementación de los SIG¹⁰ constituyen una de las principales alternativas en la búsqueda de soluciones territoriales, pues la espacialización de datos permite la visualización de información que puede ser de interés tanto para las entidades públicas, como para las privadas y la comunidad en general (SOLANO MAYORGA, MORAGA PERALTA e CEDEÑO MONTOYA, 2009).

El espacio socialmente construido se basa en las experiencias de la gente. Se consolida como *espacio concebido* - integrando los procesos construidos de las bases sociales, vivencias asociadas con la cultura y la sociedad – y como *espacio vivido* - reflejando el modo en que el individuo ha vivido y experimentado su territorio, haciendo de este un imaginario individual que puede tener una articulación colectiva de su entorno social (Lefebvre, 1991 (BARRERA LOBATÓN, 2009). Las representaciones espaciales por supuesto que pueden ser contrastantes, especialmente si consideramos que existen visiones y escrituras tecnicistas, procedentes de las instituciones gubernamentales, que pueden desvirtuar los núcleos urbanos y sociales.

Internet no cambia la naturaleza básica de los Sistemas de Información Geográficos. La diferencia estriba en que están *on-line* y por ello “cada día millones de personas acceden a información geográfica” (Harder, 1998). Los Sistemas de Información Geográfica, apoyados de los avances tecnológicos y el web, son una herramienta que permite navegar por un mundo virtual, representado por variables geográficas (relieves, hidrografía, coberturas forestales) y aspectos sociales, y culturales, que cobran un valor cualitativo desde la perspectiva cartográfica y su

10 Un SIG o Sistema de Información Geográfica (SIG o GIS, en su acrónimo inglés [Geographic Information System]) es una herramienta que permite la integración de hardware, software y datos geográficos. Se utiliza para capturar, almacenar, manipular, analizar información georeferenciada con el fin de resolver problemas territoriales. Aunque en la actualidad, el uso de los SIG es más frecuente, estas técnicas se consolidan ya en los años 70, en el laboratorio de Análisis Espacial de la Universidad de Harvard. Éste laboratorio fue un nicho donde se formaron intelectuales en materia geoespacial como Jack Dangermond o Scott Morehouse (ESRI), David Sinton (Intergraph) o Bruce Rado (ERDAS) (RUNÍO BARROSO e GUTÉRREZ PUEBLA, 1997).

diversidad de contenidos¹¹.

La información cualitativa, sirve como un referente hacia la comprensión de los cambios locales y regionales. La codificación del relato popular, también es fundamental para la construcción discursiva colectiva (que incluye tanto lo social como lo técnico) donde el lenguaje, la terminología local, así como el lenguaje gráfico derivan en representaciones alternativas de los sucesos en un territorio.

La representación de lo intangible, del recuerdo, de lo vivido en la cotidianidad, cobran vida precisamente por medio del relato de los habitantes, aspectos que la cartografía actual no se preocupa de plasmar. Si la arquitectura urbana puede reflejar acontecimientos pasados, también eventos climatológicos periódicos, cambios en la cobertura vegetal o en el trazado de los cuerpos de agua, en los atravesamientos en las calles o en los centros urbanos – estos representan unos factores de la historia ambiental relevantes territorialmente, que si están grabados en la memoria de las personas pueden quedar capturados en las cartografías. Es así que el saber popular, cargado de datos cualitativos, también sirve como base para la construcción de escenarios pasados y presentes, los cuales pueden hacer vislumbrar eventos futuros en los territorios sujetos a constantes cambios.

6 | CONCLUSIONES

La gestión conjunta de datos alfanuméricos y espaciales, facilita el cruce de información procedente de varias fuentes, tanto estructuradas (datos cuantitativos, medibles, técnicos, etc.) como no estructuradas (percepciones, datos cualitativos, información subjetiva, datos procedentes de prácticas artísticas). Lo anterior permite el análisis espacial del patrimonio y de lo patrimoniable - en la acepción presentada en los apartados anteriores - y genera importantes ventajas. Por ejemplo, el desarrollo de planes de tutela y salvaguardia territoriales fundamentados en acuerdos sociales, que para su diseño e implementación requieren de procesos colaborativos. Dichos acuerdos se van configurando desde el reconocimiento, el inventario creativo y participativo de los bienes patrimoniales. La gestión conjunta de datos procedentes de fuentes estructuradas y no-estructuradas también facilita formas de autoconciencia, agenciamiento y apropiación social por parte de la comunidad portadora, para proyectos de autogestión, valorización territoriales y desarrollo local.

En la construcción de los mapas interactivos de lo patrimoniable realizados y presentados anteriormente, se puede concluir:

- 1) el hipertexto y el transmedia asociados al SIG son un potente medio para comunicar a “ras de suelo” la dimensión material y sobretodo la inmaterial, escondida, desaparecida o desapercibida del patrimonio cultural vivo;

¹¹ Por ejemplo, la visualización de modelos en 3D en los cuales los usuarios de los SIG pueden observar obras arquitectónicas de una ciudad o paisajes naturales remotos de su lugar de residencia.

2) el mapeo configura imaginarios sociales acerca del valor patrimonial (material, inmaterial y natural), ajustados a los contextos territoriales y a la *comunidad portadora*;

3) la arquitectura del sistema de información territorial es *duble face*, construida con y orientada hacia la comunidad. La primera interfaz comunica los contenidos geográficos (físico-infraestructurales, socioculturales, ambientales) con un lenguaje más bien multimedial, interactivo y artístico, admitiendo al mismo tiempo formas de interrogación o consultas hipertextuales para conocer, concienciar, orientar y entretener un visitante hipotético en un lugar virtual. La segunda interfaz ofrece datos medibles, geolocalizados e hipertextuales, susceptibles de ser explorados y enriquecidos articulando los aportes de otras redes temáticas activas en los lugares geográficos¹².

La investigación apunta ahora a restituir los procesos históricos, la autenticidad y la veracidad de la transformación socio-cultural y territorial. Asimismo, apunta a animar y mover decisiones públicas, ejercer un poder estético para generar resonancia e interdisciplinariedad. No obstante, la visualización, el análisis y el registros de los datos estructurados y no estructurados, para la cartografía digital de lo patrimonial requieren el soporte de tecnologías innovadoras e interactivas más potentes de las utilizadas en esta primera fase. En especial considerando gracias a la red la posibilidad de aumentar el número de usuarios, lo cual supone gestionar un *big data* y finalmente alcanzar lo que representa el verdadero reto de la pesquisa, encontrar el *insight* de un proceso tan complejo.

REFERENCIAS

AMARAL, L. (Ed.). **Cartografías artísticas e territórios poéticos [recurso eletrônico]**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2016.

AMARAL, L. Museo Abierto: entre visualidades y visibilidades. Tejiendo Redes y Miradas de Afectos. De los fragmentos a las Constelaciones. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, v. 4, p. 225-238, 2009.

AMARAL, L. Museu Efêmero: O Museu é o Mundo. Narrativas artísticas contemporâneas e patrimônio. Mobilização de relações entre pessoas, cidades e bens culturais. **Cadernos do patrimônio cultural. Educação patrimonial.**, Fortaleza, v. 1, p. 3-86, 2015.

APPADURAI, A. **La modernidad desbordada**. Buenos Aires: Ediciones Trilce S.A., 2001.

ARANGO ESCOBAR, G. . Una mirada estética de la arquitectura popular (Feb. 27, 2017). **Expresión formal de la vivienda popular espontánea. Serie ciudad y hábitat**, 2014. Disponível em: <http://www.barriotaller.org.co/publicaciones/una_mirada_estetica.pdf>.

12 Por ejemplo el semillero de investigación de ingeniería ambiental de la Universidad Antonio Nariño, ha venido realizado estudios y mapeos de los ríos y cuerpos de agua de Bogotá. Los datos recolectados con descriptivos e incluyen indicadores cuantitativos y cualitativos del estado de conservación del recurso natural agua. No obstante en la fase actual quedan depurados de una serie de relatos, anécdotas, prácticas culturales y vivencias asociadas con el agua y su entorno. Es aquí donde se reconoce una potencialidad con la articulación con la Red de lo patrimonial.

BARRERA LOBATÓN, S. Reflexiones sobre Sistemas de Información Geográfica Participativos (SIGP) y cartografía social. **Revista Colombiana de Geografía. Cuadernos de Geografía**, v. 18, p. 9-23, 2009.

BENJAMIN, W. El narrador. Trad. Esp. Jorge Nvarro P.. **Obras II Abada**, Madrid, p. 41-67, 2009.

BOURRIAUD, N. **Radicante**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora S.A., 2009.

CABANZO, F.; FRACASSO, L.; MANCADA, L. Diseño experiencial de un dispositivo lúdico para impulsar un modelo de museo difuso del arte rupestre y los caminos ancestrales en los municipios de Choachí y Facatativá. In: PASUY, W. **Intervenciones contemporáneas en territorios con historia**. Bogotá: UniSalle, 2018. p. p.57-69.

CABANZO, F.; MONCADA, L. “Hacia una red latinoamericana de observatorios de lo “patrimoniable” categorías, casos, rastros, registros de obras trayecto-tránsito en Colombia. **Clío: History and History Teaching**, n. 40, 2014.

DE BRUYNE, P.; GIELEN, P. **Community art: the Politics of Trespassing**. Amsterdam: Valiz, 2011.
FONTAL MERILLAS, O. Educación patrimonial: retrospectiva y prospectiva para la próxima década. **Estudios Pedagógicos**, v. XLII, n. 2, p. 415-436, 2016.

FONTAL, M. O. et al. Patrimonios, objetos e historias de vida. Análisis de propuestas educativas desde el Observatorio de Educación Patrimonial en España. **MIDAS**, 2018.

FRACASSO, L. Lo “patrimoniable”: utopías concretas, prácticas artísticas y hábitat popular. In: BENACH, N.; ZAAR, M. H.; VASCONCELOS P. JUNIOR, M. **Actas del XIV Coloquio Internacional de Geocrítica: Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2016.

FRACASSO, L.; CABANZO, F. Los lugares inquietos patrimoniales. In: ARCINIEGAS, W. P. **Arquitectura contemporánea en contextos patrimoniales**. [S.l.]: Ed. Unisalle, 2016. p. p.95 - 107.

FRACASSO, L.; ORTIZ, Y. Prácticas artísticas como proceso de re-territorialización del barrio Las Cruces- Bogotá. In: ARCINIEGAS, W. P. **Arquitectura y urbanismo contemporáneo en centros históricos**. Bogotá: Ed. Unisalle, 2017. p. p.84 – 95.

FRACASSO, L.; ORTIZ, Y. La no-intervención y la elocuencia del vacío urbano en el Minuto de Dios. In: PASUY, W. **Intervenciones contemporáneas en territorios con historia**. Bogotá: UniSalle, 2018. p. p.98 - 109.

HERNÁNDEZ GARCÍA, J. Estética y hábitat popular. Instituto de Estética. **AISTHESIS**, n. 41, 2007.

ILLICH, I. La sociedad desescolarizada (transcripción de conferencia realizada en México, Ocoatepec, Morelos, enero de 1978), 1985. Acceso em: 29 marzo 2018.

KHANNA, P. **Connectography: mapping the global network revolution**. London: Weidenfeld and Nicolson, 2016.

LEAVY, P. **Method Meets Art. Arts-Based Research Practice**. New York: The Guilford Press, 2009.

MAGNAGHI, A. **Il territorio degli abitanti: società locali e autosostenibilità**. Milano: Dunod, 1998.

MARTÍN BARBERO, J. . PortalGC UB. **Patrimonio Mundial**., 2008. ISSN 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iOiu448OlfM>>. Acesso em: 27 febrero 2017.

MARTÍN BARBERO, J. . La reinención patrimonial de América Latina. **Portal Iberoamericano de**

Gestión Cultural. Aula abiertas, 2010. ISSN 1. Disponível em: <<http://www.gestioncultural>>. Acesso em: 27 febrero 2017.

MARTÍN BARBERO, J. Somos patrimonio. **¿Qué entendemos por patrimonio?**, 1998a. ISSN 1. Disponível em: <http://www.convenioandresbello.org/somos_patrimonio/wp-content/uploads/2013/10/Patrimonio.pdf>. Acesso em: 27 febrero 2017.

MARTIN-BARBERO, J. . Des-orden cultural y palimpsestos de identidad.. In: CUBIDES, H. . L. M. C. . A. V. C. E. **Viviendo a toda. Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá, Colombia: Universidad Central, Siglo, 1998b.

MARTIN-BARBERO, J. . **La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana**. 2001 Effects by Interdisciplinary Research Group on communications, information and society (GRICIS). 2002 Bogues Globalisme et Pluralisme International Symposium. [S.l.]: [s.n.]. 2002.

MARTIN-BARBERO, J. **Patrimonio y valores desafíos de la globalización a las herencias y los derechos culturales**. UNESCO meeting. Paris: [s.n.]. 2006.

MIRANDA GASSULL, V. El hábitat popular. Algunos aportes teóricos de la realidad habitacional de sectores desposeídos. **Territorios** , n. 36, p. 217-238, 2017.

MOUFFE, C. . **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona., 2007.

MUFF, K. (Ed.). **The Collaboratory: a co-creative stakeholder engagement process for solving complex problems**. Sheffield, UK: Greenleaf Publishing Limited, 2014.

O'HARA, J.; HALL, S. The narrative construction of reality. An interview with Hall. **Southern Riview**, Swinburne, 17 marzo 1984.

RUNÍO BARROSO, A.; GUTIÉRREZ PUEBLA, J. LOS SISTEMAS DE INFORMACIÓN GEOGRAFICOS: ORIGEN Y PERSPECTIVAS. **Revista General de Información y Documentación**, v. 7, n. 01, 1997. ISSN 1.

SABADELL ARTIGA, L. **Bodyscapes (tesis doctoral). Doctorat Humantats 2005-07 Professor: Antoni Mari**. [S.l.]. 2008.

SOLANO MAYORGA, M. A.; MORAGA PERALTA, J. C.; CEDEÑO MONTOYA, B. C. Historia y evolución de los sistemas de información geográfica. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v. 2, n. 43, 2009.

STEPHENSON, M. O. J.; TATE, A. S. . (Eds.). **Arts and Community Change: Exploring Cultural Development Policies, Practices, and Dilemmas**. New York, NY: Routledge, 2015.

TURCO, A. **Configurazioni della territorialità**. Milano : Franco Angeli, 2010.

WEINRICHTER, A. **Desvios de lo real. El cine de no ficción**. Madrid: T&B editores, 2005.

SOBRE A ORGANIZADORA

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen: Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UEPG); mestre em Crítica de Mídia (UEPG). Tem 10 anos de experiência em assessoria de imprensa.

Atualmente é proprietária de agência de publicidade que presta serviços na área de marketing e comunicação empresarial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-344-6

